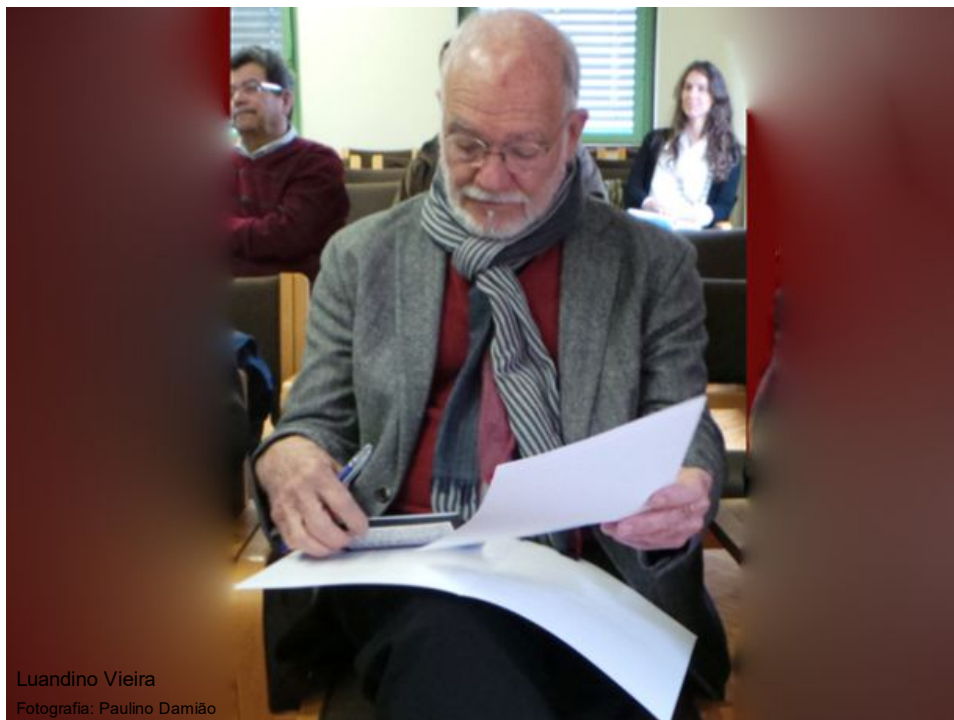


"Papéis da prisão" de Luandino Vieira

07 de Março de 2016

Por Jornal de Cultura



Luandino Vieira
Fotografia: Paulino Damião

O mais recente livro de José Luandino Vieira, **Papéis da Prisão.**, como o próprio título indica, agrupa, num único e pesado volume de mais de mil páginas, os apontamentos, pensamentos e desabafos que, ao longo de quase 10 anos de cárcere – primeiramente em Angola(Luanda) e depois em Cabo Verde (Campo de concentração do Tarrafal) – Luandino foi passando para o papel. Publicado pela editora “Caminho” de Zeferino Coelho, organizado pelo Centro de Estudos Sociais de Coimbra (Margarida Calafate Ribeiro, Roberto Vecchi e Mónica V. Silva) e com a participação do escritor, o **Papéis da prisão** chega-nos agora como um exemplo valioso e concreto da importância da escrita no mundo de cada um e no colectivo. As notas diarísticas e outras, as cartas e desenhos realizados por Luandino nas prisões, entre os anos de 1961 e 1972, vêm hoje falar ao leitor, afinal, de Liberdade.

Num livro difícil de classificar devido à diversidade da natureza dos textos compilados, a Personagem, o Narrador, e o Portador de outras vozes é sempre um e ele mesmo: o autor (o “Zé”, o “Luandino”, o “ZéLuandino”). Através de uma escrita que não abusa do sentimentalismo e que, sobretudo nos anos do Tarrafal, tenta afastar o intimismo, o leitor acompanha a vida, o pensamento e o trabalho mental de um homem que, em contexto de opressões e limitações várias, logrou manter intacta a sua liberdade intelectual e integridade: “5-2-63 (...) Pelo menos enquanto for possível, viver de maneira a não perder o que já tinha adquirido de bom” (VIEIRA; 2015: 138).

O papel, a caneta, os livros, o estudo e a capacidade de pensar e re-pensar todas as questões, inquietações e curiosidades que assaltavam Luandino foram os seus companheiros constantes em cada dia desses anos e que lhe permitiram defender-se, responder e contra-atacar não só as diversas agressões por ele mesmo sofridas

como, também, as mesmas que actuavam sobre os seus pares e o seu povo: “24-6[1967] (...) E eu fico a pensar como a alienação dum povo lhe dá assim uma imagem tão alienada do que têm” (idem; ibidem: 806).

Inserido num lugar isolado, como o é sempre uma prisão, mas que era, ao mesmo tempo, um microespaço que reflectia a realidade exterior, Luandino utilizou das suas possibilidades e habilitações para cumprir a sua parte de um objectivo maior e de muitos: a afirmação de uma identidade angolana, de uma cultura e língua que correspondiam a uma nação e um povo que se desejavam independentes e livres. A prisão foi, por várias características, um elemento impulsionador da produção literária de Luandino, não apenas pelo tempo do qual se dispõe e que em clausura é sentido como uma multiplicação do tempo real, mas, sobretudo, porque a prisão se converteu numa espécie de laboratório onde vários componentes se encontravam e sobre os quais Luandino reflectia, retinha e apontava nos seus papéis com planos de os inserir, mais tarde, nos seus contos e novelas como, por exemplo, para o João Vêncio: os seus amores: “24-8[1967] (...) Um tal Juvêncio que se dizia João Vêncio e cuja frase preferida para se dirigir é: «camarada companheiro»” (idem; ibidem: 812). Através dos escritos do autor, entendemos a prisão como um mostruário da precariedade e decadência da sociedade colonialista: “28-2-63 (...) Ex-funcionário reformado...é mais um símbolo do «assimilado», daquilo que o colonialismo faz de um homem” (idem; ibidem: 155).

A prisão compreendia entre os seus muros a heterogeneidade identitária que o colonialismo não queria aceitar e que o nacionalismo cantava como homogénea por detrás de termos tão vastos, mas que pretendiam apontara singularidade, como “Negro” ou “África”. Ao longo dos seus papéis, Luandino reflecte sobre os conflitos e as harmonias do grupo em relação a temas como a nacionalidade, a língua, a raça e, sobretudo, a classe social: “30-VII-64 (...) Foi uma grande lição para mim este quase um ano aqui na cadeia, com presos de delito comum. Sobretudo por ter adquirido a certeza que, mesmo nesta identidade de situação, as classes e suas consciências se mantêm: não há solidariedade senão entre as mesmas camadas que havia; a clivagem por classes é + visível que lá fora, onde a sobreposição e identidade com as raças, dá uma visão falseada pelo racismo”. (idem; ibidem: 536).

Este microsistema de vida humana da prisão foi altamente inspirador para Luandino. Contudo, a prisão não foi para o autor apenas o ponto de encontro de realidades e identidades diferentes, mas também o lugar onde se uniram, aglomeraram e desligaram, várias e repetidas vezes, os tempos: o passado com as memórias da infância e da adolescência; o início feliz da vida adulta e as várias e inúmeras fabricações imaginadas de um futuro. Todos esses tempos estavam estagnados num presente em que Luandino escrevia: “29-9[1967] (...) tudo se dissolve e fico só, como se tudo o que sucede de há 6 anos fosse um sonho. Quando terminará? Vejo a vida como uma estrada que foi interrompida em 20/11/61 – e meti por uma picada. E quando não penso a sério, creio, sinto que, ao sair irei encontrar aonde a deixei. O que não é mais possível!” (idem; ibidem: 816).

Os anos passam e é sensível ao longo do livro o endurecimento emocional que a clausura produz no sujeito. Há um permanente conflito entre o que se sente e o que se deseja fazer. O excesso de tempo para pensar produz angústia, tristeza e a consequente inércia. A produção de histórias e a criação de personagens apoiavam o autor no fazer face a esse contexto, ajudando-o a concentrar-se num objectivo que era, ao mesmo tempo, individual e comum: produzir uma nova literatura com/ para/ de Angola.

Nos apontamentos de Luandino repetem-se exaustivamente as preocupações quanto à forma e à linguagem ideal para servir as suas histórias: “25-X[-1964] (...) Reflexão sobre a presença de «exotismo» nos meus últimos contos. Parece que sim! Por que hei de falar com ênfase especial de «quitande» etc? O mesmo que gabar «alheiras» e «bacalhau»...” (idem; ibidem: 584). Havia uma consciência nítida por parte do autor de que as estéticas utilizadas até então na literatura de língua portuguesa não se adequavam ao que agora se pretendia fazer. A urgência de criar uma nova linguagem literária repercutiu-se em imensas recolhas orais e pesquisas em dicionários de

vocábulos, canções, histórias e expressões em várias línguas (kimbundo, umbundo, crioulo cabo-verdiano, etc...) que eram estudadas e apreciadas minuciosamente pelo autor: “10-11[1967] (...) «Para fazer boa muxima» - para cativar, lisonjear. «Muxima» = coração. De onde o verbo muximar...” (idem; ibidem: 824). Todo este trabalho de linguísta foi acompanhado pelo fascínio e interesse pelo estudo das línguas por parte de Luandino, que desde o início da prisão estudou kimbundo, italiano, alemão e russo. É notório nos papéis o gosto e curiosidade do autor pelas línguas e pelo nascimento e desenvolvimento destas no acompanhar da evolução das sociedades que as usam e as vão construindo também com as suas próprias características, culturas e necessidades comunicativas. Porém, agora, o pretendido era elevar a língua dessa sua função primeira de comunicação para o plano estético e literário. Para esta transladação muito ajudou a originalidade dos povos que as criam. As ruas de Luanda mantinham-se, na memória do autor, como um suporte onde essa criatividade linguística vivia e se manifestava constantemente: “2-5[1967] (...) Bonita expressão luandense: diz-se que uma mulher deu à luz uma criança e que tudo correu bem – usa-se a expressão «teve feliz parto» numa só palavra, pronunciada como uma só palavra” (idem; ibidem: 796).

Com estes meios e enquanto a revolução acontecia fora, Luandino fê-la acontecer na História da Literatura a partir da prisão: “25-2-63(...) Estive a pensar que preciso de melhorar a m/ linguagem, elevando-a de modo a poder descrever situações, ambientes e personagens mais ricos e complexos, mas sem a tornar ininteligível ou menos concreta e sem perder a base popular...” (idem; ibidem: 151). Falar de José Luandino Vieira, é falar do homem que teve o gesto humano e o génio literário de romper com os cânones, abrindo-os e canonizando uma língua que não era sequer, na altura, reconhecida enquanto tal pelo colonizador. Luandino pegou no Português de Luanda e transportou-o para a literatura, conferindo-lhe dignidade e valor estético, num tempo e sociedade onde isso constituía afronta. Seguindo a linha de Viriato da Cruz e António Jacinto, Luandino e a sua geração abriram as portas aos que depois deles escreveram, fazendo nascer, assim, uma nova literatura de língua portuguesa. Ao contrário, talvez, do aguardado, o Papéis da prisão não nos traz longas e repetidas descrições do sofrimento humano individual daquele que, de repente, se vê injustamente privado da sua vida e dos seus. Nele chega-nos, sobretudo, um exemplo da perseverança de um escritor que antevê as consequências das suas obras e que conscientemente as produz e revela com a preocupação de que nunca o objectivo inicial se perca ou frustrar. Além disso - e mais importante até, por ser este um livro disponível para todos os leitores - o Papéis da Prisão traz-nos, igualmente, a prova humana de que a liberdade é inerente ao Ser e de que o ser humano é tão mais livre quanto maior for a sua capacidade independente de pensar. Com esta leitura solidificamos a ideia de que nem o contexto mais hostil consegue retirar ao homem ou à mulher aquilo que ele ou ela sabem, nem a liberdade de decidir como o podem utilizar. Altruista e generosamente, Luandino escolheu utilizar esse seu espaço de conhecimento e, por conseguinte, de liberdade, para semear espaços livres outros e para os outros, na prisão com os companheiros, na literatura com Angola e com a língua portuguesa.

Ana T. Rocha



Colaboradores



ANTÓNIO
QUINO



EMANUEL
CABOCO



JOSÉ
LUANDINO
VIEIRA



MÁRIO
J.
AIRES
REIS



MATADI
MAKOLA

VER TODOS ►